

Nome: Patrícia Regina Wanderlinde Alves

Informações da Escola:

Nome da Escola: Escola Básica Professora Judith Duarte de Oliveira

Cidade: Itajaí

UF: SC

Informações do Projeto:

Categoria: (TEMA LIVRE) Anos Iniciais do Ensino Fundamental

### Projeto: INTERCÂMBIO CULTURAL: VIAJANDO NAS ASAS DO CONHECIMENTO

**RESUMO:** Na atualidade, um dos maiores problemas que interferem na qualidade do ensino brasileiro é a falta de interesse pela leitura literária e, conseqüentemente, a dificuldade que alunos possuem em expressar seus pensamentos através da escrita. Sabemos que nos últimos tempos o acesso à leitura tem sido ampliado através de programas de incentivo à leitura, visitas a biblioteca, livros online, entre outros, porém, mesmo com este acesso mais facilitado, o problema continua aumentando. Se por um lado os alunos enfrentam essas dificuldades, por outro, muitos educadores não contribuem e nem estimulam seus alunos para compreenderem e interagirem com o fantástico mundo da leitura, pelo contrário, acabam distanciando ainda mais os mesmos desse processo. Com base nessas informações, o presente relato tem por objetivo compartilhar com educadores, e demais interessados, uma experiência de sucesso desenvolvida com alunos do quarto ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do município de Itajaí/SC. A necessidade de promover reflexões que possibilitassem aos alunos conhecer, discutir, refletir e vivenciar a cultura local de uma forma prazerosa, utilizando a literatura como eixo norteador do trabalho, motivou a elaboração do projeto “Intercâmbio Cultural: Viajando nas Asas do Conhecimento”, que permitiu atender com eficiência a diversidade dos alunos, pois foram promovidas ações que permitiram aos mesmos a construção do conhecimento científico, a interação com diversos gêneros textuais, a motivação pela leitura, além de sua integração escolar e social. Palavras-chave: leitura; prazer; significado; conhecimento.

**JUSTIFICATIVA:** Tenho observado nos últimos tempos uma grande mudança de postura por parte dos professores com relação à importância de se trabalhar textos literários com os alunos do ensino fundamental. Cada vez mais vejo a preocupação em se buscar novas ideias e sugestões para ampliar o contato e interação dos alunos com

os textos literários em seus diversos gêneros, porém, apesar de um maior acesso a livros, ida à biblioteca da escola, professores lendo em voz alta, livros online, recursos tecnológicos..., ainda persiste uma grande dificuldade em fazer com que os alunos compreendam e interajam com o mundo da leitura. Embora hoje o acesso à leitura esteja mais facilitado, cada vez mais observo os alunos com menos interesse pela mesma, e conseqüentemente, escrevendo textos com mais dificuldade e pobreza literária. Essa foi a situação que me deparei quando iniciei o trabalho de leitura, interpretação e produção textual com meus alunos. Apesar de eu já trabalhar como professora do ensino fundamental há vinte e três anos, gosto de estar sempre me atualizando e aprendendo coisas novas para auxiliar o processo ensino-aprendizagem de meus alunos. Com o propósito de realizar um trabalho com maior qualidade resolvi, no início de 2013, participar de formação continuada presencial para os professores alfabetizadores e seus orientadores de estudo, que é uma das ações do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). Todas as ações desenvolvidas no pacto contribuem para o debate acerca dos direitos de aprendizagem das crianças do ciclo de alfabetização; dos processos de avaliação e acompanhamento da aprendizagem das crianças; do planejamento e avaliação das situações didáticas; do conhecimento e uso dos materiais distribuídos pelo Ministério da Educação, voltados para a melhoria da qualidade do ensino no ciclo de alfabetização (PACTO, 2013). Ao participar dessa formação continuada pude rever e aprender muitas coisas, porém, fiquei muito inquieta e não parava de pensar na famosa frase de De Carli “Maiores conhecimentos implicam maiores responsabilidades” (s.d.). Nós, enquanto educadores, não podemos ficar parados a mercê de dados alarmantes apresentados pelo INEP (2011 e 2012) a respeito do fracasso escolar como um dos maiores problemas do sistema educacional, e também um dos mais discutidos e estudados. Isso me fez refletir sobre a maneira pela qual o professor trabalha os conteúdos, a forma como ministra suas aulas, pode incentivar ou desestimular os seus alunos. Na atualidade ainda encontramos muitos professores totalmente despreparados, que apesar de muitas oportunidades, não procuram se aperfeiçoar para poderem promover um trabalho de excelência, porém mesmo apesar dessa constatação, a escola acaba se anulando em seu papel formador de cidadãos sujeitos da transformação, e não estimula a necessidade desses profissionais redimensionarem suas práticas de maneira a possibilitar o interesse dos alunos pelos estudos.

**CONTEXTO:** Eu trabalho como professora numa escola pública municipal, a Escola Básica Professora Judith Duarte de Oliveira, localizada no bairro Itaipava, no município de Itajaí, situado no litoral norte de Santa Catarina, estado da região sul do Brasil. Itajaí foi colonizada por portugueses, no século XVIII e alemães no século XIX, a cidade tem desde os seus primórdios uma forte ligação com a navegação e hoje abriga um dos maiores complexos portuários do país. Atualmente a escola possui 402 alunos, 27 professores e 08 funcionários. Em sua estrutura física a escola possui: 09 salas de aula,

01 sala do Espaço de Vivências para Alfabetização, 01 sala multifuncional, 01 biblioteca, 01 laboratório de informática, 01 sala de vídeo, banheiros masculino e feminino, 01 sala dos professores com banheiro, 01 secretaria, 01 sala da direção, 01 sala da administração, 01 sala de supervisão e orientação educacional, 01 cozinha com depósito, 01 quadra de esportes, parquinho, 01 depósito de materiais de limpeza, 01 sala de arquivo e dois pátios descobertos. A Escola Básica Professora Judith Duarte de Oliveira visa atender os princípios da Lei Federal nº 9394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional e da Lei nº 3352 de 15 de dezembro de 1998 / Sistema Municipal de Ensino de Itajaí, ministrando a Educação Infantil e o Ensino Fundamental completo de oito e nove anos, obedecendo a legislação e as normas vigentes. O bairro Itaipava tem aproximadamente seis mil habitantes, e mesmo fazendo parte do perímetro urbano, ainda cultiva seu aspecto rural. Itaipava é um bairro com função residencial e industrial, visto que no bairro estão localizadas 12 (doze) olarias (fábricas de tijolos) e empresas como: Treinavil, Multilog, Indústria e Comércio Itaipava, Becker Atacadista, Refribrás Armazéns Frigoríficos, Safrio Serviços de Armazenagem Frigorificada, Cravil Loja Agrícola, Agaton Artefatos de Cimento e Prestadora de Serviços, Back Comercial, Indústria e Comércio de Confecções May, COLCCI A.M.C. Têxtil Ltda, Souza Cruz Distribuidora de Cigarros. Isto acaba contribuindo para a migração constante de pessoas procurando emprego e rotatividade de famílias oriundas de outros estados brasileiros. Tentando fazer a diferença para os meus alunos, comecei a repensar minha prática profissional. No ano de 2013 trabalhei com duas turmas de terceiros anos. De modo geral, eles gostavam de ler, porém, não uma leitura efetiva e pautada de propósitos e reflexões. Eles costumavam ler livros de contos de fadas, clássicos infantis e histórias em quadrinhos. Durante todo o terceiro ano eu fiz um trabalho efetivo com gêneros textuais e produção de texto com intervenções individuais, porém não alcancei completamente meus objetivos propostos. Quando eu soube que continuaria com os mesmos alunos no ano de 2014, resolvi aplicar uma estratégia diferente de trabalho ainda em 2013. Atualmente eu leciono para sessenta alunos divididos em duas turmas de quarto ano. A maioria deles tem nove e dez anos de idade. Tenho quadro alunos com onze anos, com histórico de repetência escolar, e uma aluna com deficiência intelectual de doze anos.

**OBJETIVOS:** Nossa escola, com o intuito de incentivar os estudantes a valorizarem as nossas raízes e manifestações culturais, desenvolve desde 2011 um projeto chamado “Resgatando Raízes”. Para refletir sobre o resgate de raízes torna-se de suma importância, compreendermos o significado de cultura a fim de entendermos a importância das raízes culturais. Quando pensamos em cultura nos reportamos a uma série de questionamentos que permeiam nossa vida, e conseqüentemente, nossa prática pedagógica, pois pelo fato de cada pessoa possuir uma forma diferente de defini-la, essa tarefa acaba não sendo muito fácil. Segundo o dicionário Larousse(1999) cultura “(...) é o conjunto de conhecimentos adquiridos, instrução, saber”. Ainda sobre cultura

encontramos no mesmo dicionário que é um: "conjunto de valores, símbolos e rituais praticados por uma organização. (...) conjunto de conhecimentos adquiridos, instrução, saber". Arias (2002, p. 103) descreve o conceito de cultura como: ... una construcción específicamente humana que se expresa a través de todos esos universos simbólicos y de sentido socialmente compartidos, que le ha permitido a una sociedad llegar a "ser" todo lo que se ha construido como pueblo y sobre el que se construye un referente discursivo de pertenencia y de diferencia: la identidad. De acordo com Arias a cultura é uma expressão da construção humana. Ela se constrói através do diálogo entre as pessoas no dia a dia. Para Coelho (1997, p.54) "Em su acepción más amplia, cultura nos remite a La idea de una forma que caracteriza al modo de vida de una comunidad em su dimensión global, totalizante". Em seu ponto de vista Coelho define cultura como tudo que faz parte da forma de vida de uma comunidade. Dessa forma, estão inseridos nesse contexto: hábitos, costumes, valores, princípios, manifestações e expressões culturais, entre outros. Com relação ao termo raízes, o dicionário Larousse(1999) caracteriza como "(...) função de fixação, de absorção; base...princípio, origem,...algo que prende, vínculo, elo". Dessa forma, de acordo com os conceitos já descritos, pode-se afirmar que raízes culturais é o alicerce, a base, dos conhecimentos construídos, adquiridos e praticados por um povo, ou seja, o princípio, a origem, algo que produz um vínculo inicial, representando o nascimento de um elemento da cultura de um povo (BARRETO DA SILVA, s.d.). Assim, quando nos referimos ao termo raízes culturais estamos nos referindo à história da construção dos elementos culturais ou das manifestações culturais de um povo. Para se compreender essas transformações pelas quais a cultura de um povo passa através dos tempos, se faz necessário resgatar o conhecimento de como era antes do início de sua construção. Embasada nesses princípios eu busquei desenvolver com meus alunos o projeto "Intercâmbio Cultural: Viajando nas Asas do Conhecimento", que buscou promover reflexões que possibilitassem aos alunos conhecer, discutir, refletir e vivenciar a cultura local de uma forma prazerosa utilizando a literatura como eixo norteador do trabalho. Dessa forma foi escolhida a temática "cultura açoriana", devido à forma superficial de como este tema é tratado pelos livros didáticos, de forma desconectada dos conteúdos curriculares e até mesmo dos livros de história, que deveriam abordar com mais ênfase a chegada e influência dos colonizadores açorianos ao longo do litoral brasileiro e, principalmente, no litoral catarinense.

**ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO:** Por se tratar de um projeto interdisciplinar, busquei trabalhar conteúdos que contemplassem o maior número de disciplinas possíveis e que despertassem o interesse dos alunos e da comunidade escolar. Entre os conteúdos abordados durante o projeto destaco a: Colonização do litoral catarinense e de Itajaí; localização geográfica das Ilhas dos Açores; costumes e tradições açorianas e catarinenses (boi-de-mamão, festa do divino, pão-por-Deus, artesanato, lendas, pau de fita e Terno de Reis); pesca (economia) e gastronomia local; história dos sobrenomes;

gráficos e tabelas; gêneros textuais, entre outros. O projeto estaria justamente suprimindo a necessidade de conhecimento da própria cultura, abrangendo não só informações sobre o tema abordado, mas também proporcionando aos alunos a vivência dos costumes e tradições açorianas, pois além das pesquisas e estudos teóricos, aos alunos estão sendo propostas atividades práticas ao longo do ano. Acredito que através do resgate cultural é possível fazer também um resgate da cidadania. Conhecer e vivenciar a cultura local ajuda a tornar o educando parte integrante da sociedade em que está inserido e, conseqüentemente, lhe proporcionará condições de bem estar social no ambiente em que vive e fazer isso utilizando a literatura e diversos gêneros textuais, sem dúvida alguma, tornará a aprendizagem muito mais significativa e empolgante.

**DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA:** Segundo Eliana Passarán “ Não se deve isolar as crianças do mundo. Todo tema é necessário, inclusive indispensável, pois é este acesso à diversidade de conteúdos, de abordagens, de pontos de vista, que fará com que os leitores se reafirmem ou se confrontem e procurem outros livros em busca de novas premissas e dúvidas, de outros interesses”(PASSARÁN, 2013). Partindo dessas observações busquei organizar estratégias que favorecessem a interação entre língua e linguagem nas diferentes situações de leitura. Organizei, a partir de então rodas de leitura diárias e semanais, com aproximadamente trinta minutos de duração, que serão identificadas, a medida que as atividades desenvolvidas ao longo do ano forem sendo especificadas. Não adianta organizarmos estratégias variadas para a leitura sem organizarmos um espaço adequado para a mesma. O espaço da leitura deve ser acolhedor, confortável e rico em diversidades textuais. Sendo conhecedora da importância desse espaço busquei organizar um cantinho na minha sala em que os alunos pudessem interagir com diversos materiais e gêneros textuais. Esse espaço possui um sofá, almofadas, tapete, estantes, livros variados (diferentes gêneros), enciclopédias (Era Uma Vez...O Corpo Humano; Ciência; Coleção de Olho no Mundo Recreio; Animais; Eu queria Saber Porquê?...), revistas Recreio, Atlas, Gibis, dicionários, uma cortina com bolsos contendo diversos livros, caixinha com trava-línguas... Enfim, todos disponíveis aos alunos no momento em que eles quiserem (nas rodas de leitura, recreio, quando estiverem ociosos ao terminarem suas atividades...). Os alunos também fazem quinzenalmente, à medida do possível, leitura ao ar livre, embaixo de uma árvore nos fundos da escola. Neste espaço são colocados tapetes, almofadas e diversos livros. Eles adoram! (Vide anexos A e B) Além disso, semanalmente eles trocam livros na biblioteca da escola para levarem para casa. Todos os livros que eles levam para casa eles registram num quadro, no caderno de tarefa, com as principais informações do mesmo (Título, autor e data). Os alunos organizam constantemente o espaço da sala e se revezam no sofá, pois não cabem todos ao mesmo tempo. Eu acho esses momentos bem interessantes, pois eu não preciso falar nada, eles mesmos se organizam e se respeitam. Como já citei anteriormente, para se compreender as transformações pelas quais a cultura de um povo passa através dos tempos, se faz

necessário resgatar o conhecimento, assim, dentre outras atividades, desenvolvi com os alunos um estudo sobre a “História dos Sobrenomes”. Primeiramente, questionei os alunos das mais diversas formas, sobre se eles sabiam o porquê de seus sobrenomes, de onde vinham... As respostas foram praticamente as mesmas e não revelaram nenhum conhecimento mais sistematizado do assunto. Depois, utilizando power point, fiz a leitura do livro de literatura “A Árvore da Família”, de Maisa Zakzuk. Neste livro a autora conta a história da imigração no Brasil e de onde vieram os povos que formaram nosso país. Explica a origem dos sobrenomes, conta curiosidades sobre o significado de vários nomes, dos brasões de família e ainda explica como fazer a árvore genealógica da sua família. Este livro propõe uma brincadeira divertida, que envolve pesquisa, geografia, história e muita cultura popular.

**METODOLOGIA:** Após a leitura e discussão do livro “A Árvore da Família”, eu, juntamente com os alunos, fiz um levantamento de todos os sobrenomes da unidade escolar tendo como objetivo conhecer a origem das famílias dos alunos da escola. Após este levantamento foram tabulados os dados. Este momento foi bastante interessante, pois pude organizar, com o auxílio dos alunos, gráficos contendo estas informações, que foram analisadas e comparadas. Depois do gráfico foram selecionados os cinquenta sobrenomes que mais se repetiram. De posse destes sobrenomes os alunos começaram a pesquisar no Dicionário das Famílias Brasileiras, de Carlos Barata e Cunha Bueno (1999). Eles selecionaram as principais informações que foram lidas nas rodas de leitura. Este momento foi muito gratificante, pois os alunos demonstraram um grande interesse pelo tema e satisfação em ler as informações pesquisadas para os demais alunos. Vale a pena também destacar a participação dos demais alunos durante as apresentações, pois eles interagem de forma muito significativa complementando as informações apresentadas. Depois eles digitaram no laboratório de informática. Após a digitação, os alunos passaram nas salas do Pré a 8ª série solicitando fotos das famílias cujos sobrenomes foram pesquisados. Foi feita uma exposição na escola com a história dos sobrenomes digitada pelos alunos, juntamente com as fotos das famílias. Além disso, organizei banners com as principais informações e curiosidades pesquisadas sobre os sobrenomes a fim de serem apresentados na exposição. Dando continuidade a este trabalho foi feito o levantamento da origem dos sobrenomes pesquisados e foi constatado que a grande maioria é de origem açoriana ou portuguesa, fato que vem de encontro com nossos estudos, visto que o município de Itajaí foi colonizado por povos de origem açoriana. Novamente foi feito um gráfico com estes dados, o que facilitou a compreensão e análise de todos. Após esse trabalho sobre a história dos sobrenomes, os alunos pesquisaram no laboratório de informática lendas açorianas e compararam com as lendas existentes aqui no Brasil, mais particularmente em nossa região. Esse processo foi muito interessante e despertou muita curiosidade nos mesmos. Foi feita a impressão das lendas açorianas pesquisadas e foi formado um livro ilustrado. A cada dois dias um aluno faz a leitura de uma lenda na roda da leitura. Todos discutem sobre

a mesma e em grupos, os alunos já fizeram até a dramatização das lendas. Com todas essas atividades desenvolvidas senti ainda a necessidade de proporcionar aos alunos uma experiência mais significativa e inesquecível. Pensei em fazer um intercâmbio entre os meus alunos e os alunos do Arquipélago dos Açores. Para fazer esse intercâmbio, a fim de conhecer um pouquinho mais da cultura açoriana presente em nosso município, entrei em contato com a “Escola Básica e Secundária de São Roque do Pico (Ilha do Pico-Açores/Portugal)”. Conversei com a professora Andréa Matos de uma turma de 5º ano e solicitei que nossos alunos trocassem cartinhas com informações e postais de nossas cidades. Eu enviei a lista de nomes dos meus alunos e ela enviou a dela. Este momento foi muito interessante, pois quando mostrei a lista de nomes para meus alunos eles perceberam que os sobrenomes dos alunos de lá eram praticamente os mesmos que tinham sido pesquisados aqui em nossa escola. Eles puderam verificar nesta análise tudo o que tinha sido estudado sobre a colonização açoriana. Após eu ter explicado para os alunos os passos da escrita de uma carta, e terem lido alguns exemplos, foi dado início a escrita das mesmas. Os alunos estavam bastante empolgados com o fato de trocarem cartinhas com alunos de uma escola de outro país, país este que deu origem a colonização de nosso município. Eu realizei intervenções individuais no processo de escrita das cartas e percebi um pouco de dificuldade por parte de muitos alunos na elaboração da mesma. Depois que todos tinham concluído esse processo, elas foram enviadas, juntamente com postais do município de Itajaí. Depois de alguns meses chegaram as respostas das cartas de Portugal. Com as respostas vieram também postais e alguns presentes. Os alunos ficaram eufóricos e rapidamente foram ler as mesmas. Eles acharam engraçado, pois algumas expressões são bem diferentes das que são faladas aqui. Eles me fizeram várias perguntas sobre o significado de algumas expressões e eu achei melhor organizar um momento no laboratório de informática para que eles mesmos encontrassem as respostas. Foi fantástico! Foi uma troca incrível de conhecimentos e meus alunos descobriram muito mais coisas em comum com seus amigos açorianos, que vão além dos sobrenomes iguais. Depois disso foi organizada diariamente uma roda de leitura para que cada aluno lesse sua cartinha para os demais alunos. Após todos terem lido, iniciamos a escrita das respostas. Nessa fase já pude perceber um maior interesse e uma escrita mais coerente das mesmas. Um outro ponto interessante a ser destacado é o fato do nosso projeto ter ganhado repercussão nos meios de comunicação do nosso município e estado. Já foram publicadas reportagens no Jornal Diário Catarinense, Jornal de Santa Catarina, O Sol Diário, sites da prefeitura, educação, entre outros, e dois telejornais (RIC Record e Rede Brasil Esperança) realizaram reportagens sobre nosso intercâmbio cultural. Mais ou menos umas duas semanas depois que recebemos as cartas chegou uma caixa da “Escola Básica e Secundária de São Roque do Pico”, da Ilha do Pico-Açores/Portugal. Nela tinham diversos presentes, entre eles livros de literatura com histórias da cultura, colonização e contos de pescadores açorianos. Não é nem preciso ressaltar o quanto os alunos ficaram encantados. Os próprios alunos deram a ideia de eu fazer a leitura diária, na

roda da leitura, de um conto do livro “Homens de Olhos Encovados & Outras Estórias de Homens do Mar”. Eu, sem dúvida alguma, aproveitei o interesse dos mesmos e tenho lido quase que diariamente. O interessante é que o livro contém contos de diversos autores e ilustrações, além de cada conto conter uma pequena biografia de seu autor. Quando discutimos sobre os contos que são lidos, os alunos interagem cada vez mais e tem mostrado uma maior maturidade nas reflexões.

**RESULTADOS:** Nestes momentos em que lemos contos de outro país, fruto do nosso intercâmbio com outra escola, os alunos demonstraram um maior interesse e ampliaram seus conhecimentos culturais numa proporção inestimável. Vale a pena destacar a importância da leitura compartilhada para a formação de leitores, pois de acordo com Colomer, “compartilhar obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência de outros para construir o sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades múltiplas” (COLOMER, p.143). Depois das devidas intervenções na escrita das respostas das cartas, as mesmas foram enviadas para a “Escola Básica e Secundária de São Roque do Pico” (Ilha do Pico-Açores/Portugal), juntamente com presentes. Dentre eles, livros da História de Itajaí, Atlas de Itajaí e literatura de autores itajaienses. Os alunos dos Açores receberam as cartas e os presentes. Eles gravaram um vídeo do momento desse recebimento e nos enviaram. Quando assistimos ao vídeo, a emoção foi geral e tiveram até alunos que choraram de alegria. No dia 25 de agosto recebemos mais uma caixa com novas cartas e presentes vindos da Ilha do Pico. Desta vez, juntamente com as cartinhas, os alunos enviaram álbuns, confeccionados por eles mesmos, contendo fotos deles, de sua família, animais de estimação, paisagens da ilha, enfim, informações que aproximaram ainda mais nossos alunos. Recebemos também um DVD do Grupo Folclórico e Etnográfico “Ilha Morena”, da Casa do Povo de São Mateus, Ilha do Pico. Este DVD, intitulado “Minha Terra”, apresenta um pouco da história da Ilha do Pico sendo descrita através de danças típicas, imagens e pontos turísticos e históricos. Juntamente com esse material, vieram também mais livros. Dentre eles destaco alguns: Nem Sempre a Saudade Chora: Antologia de Poesia Açoriana sobre a Emigração; Açores: Lendas e Outras Histórias; Gente das Ilhas; Nos Trilhos dos Açores: Educação para a Cidadania; e Semana dos Baleeiros: Construção da identidade das Lajes do Pico. Logicamente, a euforia de meus alunos foi grande e eles logo quiseram escrever as respostas das cartas. Novamente, cada aluno fez a leitura da mesma para os demais e depois iniciaram o processo da escrita das respostas. Esta já é a terceira carta que eles estão escrevendo e, a cada etapa desse processo, é notório o avanço de meus alunos no processo de escrita. Vale a pena destacar que até a minha aluna que possui deficiência intelectual, que iniciou nessa escola no mês de junho, também tem participado desse processo, logicamente dentro de suas limitações. Outro ponto interessante, é que dentre os alunos

do 5º ano da “Escola Básica e Secundária de São Roque do Pico” também existe uma aluna com deficiência (paralisia cerebral) que também está inclusa no projeto e já nos enviou duas cartas. Além de todas as atividades descritas, como citei no início deste relato, nossa escola desenvolve desde 2011 um projeto chamado “Resgatando Raízes”, e um momento marcante deste projeto é a realização da “Festa da Cultura Açoriana” que sempre é realizada no mês de outubro. Esta será a quarta edição da festa onde ocorrerá a exposição de todos os trabalhos e pesquisas realizadas ao longo do ano, as apresentações artísticas-culturais dos nossos alunos, como a danças típicas, boi-de-mamão e teatro. Já estou ensaiando com meus alunos duas danças típicas da Ilha do Pico, uma com cada turma: Pézinho do Pico e Mané Chiné. Essas músicas estão no DVD do grupo folclórico “Ilha Morena”, que recebemos da Ilha do Pico. Para a caracterização açoriana dos alunos, fizemos um mutirão de costura com algumas mães de meus alunos, e outras mães da escola, que são costureiras e se dispuseram a ajudar. Este trabalho está sendo gratificante e as mães estão felizes por fazerem parte de um projeto tão significativo para a cultura de seus filhos e comunidade em geral. Todas as roupas confeccionadas ficarão arquivadas na escola a fim de serem utilizadas em futuros eventos relacionados a este tema. Nós pretendemos continuar com o intercâmbio, trocando cartas, livros e outros materiais, pois desta forma os alunos farão uma troca constante de conhecimentos. A professora da Ilha do Pico até já cogitou a possibilidade de visitar nosso município com um grupo de alunos vindos de Portugal. Com tudo isso acontecendo os alunos estão cada vez mais interessados pela leitura e buscam conhecer mais a cultura do nosso país, bem como a de Portugal. Eles gostam de comparar as lendas, contos, parlendas, trava-línguas, brincadeiras... Enfim, eles observam na prática as contribuições da colonização açoriana presentes na nossa cultura.

**CONCLUSÕES:** Segundo Ausubel (1988), é indispensável para que haja uma aprendizagem significativa, que os alunos se predisponham a aprender significativamente. Para ele a aprendizagem significativa é entendida como um processo em que as novas informações, para serem assimiladas de maneira estável e útil, devem interagir com certas ideias relevantes, previamente existentes na estrutura cognitiva do sujeito. Nesse sentido, eu pude observar que o projeto “Intercâmbio Cultural: Viajando nas Asas do Conhecimento ” atendeu com eficiência a diversidade dos alunos, pois foram promovidas ações que permitiram aos mesmos a construção do conhecimento científico, a interação com diversos gêneros textuais, a motivação pela leitura, além de sua integração escolar e social. As estratégias metodológicas referentes às rodas de leitura, atividades lúdicas, laboratoriais, interpretação de textos, discussões, entre outras, sem dúvida alguma promoveram a participação, o interesse e a compreensão dos conteúdos abordados, além de provocarem maior estímulo às questões relacionadas à leitura. A realização de atividades diversificadas possibilitou o alcance das capacidades cognitivas, quanto às diferenças e às dificuldades dos alunos,

melhorando o seu desempenho no processo de construção do conhecimento e integração social. Ficou bem claro que quando partimos daquilo que o aluno já sabe podemos contribuir para que ele se sinta parte do processo de aprendizagem e elevamos sua autoestima. Com o desenvolvimento desse projeto criou-se também um ambiente de aprendizagem no qual todos os alunos foram sujeitos participantes de todas as etapas do projeto. Vale à pena salientar que para os alunos serem sujeitos ativos na construção do próprio conhecimento, é importante que estes vivenciem condições e situações nas quais eles possam exercitar sua capacidade de pensar, comparar, formular e testar eles mesmos suas hipóteses, relacionando conteúdos e conceitos, e sem dúvida alguma, isso foi evidenciado no desenvolvimento das atividades de mediação dos textos literários. Os alunos, dentre outros aspectos, puderam compreender o que estava escrito e também o que não estava, identificaram elementos que estavam explícitos e implícitos nos textos, estabeleceram relações entre as obras já lidas e as conhecidas e descobriram os inúmeros sentidos de um texto e seu contexto. O trabalho possibilitou, de acordo com Schaller (2002), uma análise sobre o que é realmente uma escola inclusiva, pois com o surgimento de espaços de debates, foi possível criar condições sociais que permitam o acesso à cidadania e à construção da vida de cada pessoa, com sua particularidade e pelo reconhecimento do sujeito como possuidor do direito ao respeito, à dignidade e ao desejo de influenciar as condições sociais. Enfim, durante o desenvolvimento das atividades, à medida que as intervenções eram realizadas, pude perceber que os alunos demonstraram muito interesse, maior segurança, independência e confiança neles mesmos, e com o desenvolvimento de experiências concretas estruturadas eles foram conduzidos, gradualmente, a abstrações cada vez maiores. "Que a nossa presença no mundo, implicando escolha e decisão, não seja uma presença neutra. A capacidade de observar, de comparar, de avaliar para, decidindo, escolher, com o que, intervindo na vida da cidade, exercemos nossa cidadania, se erige então como uma competência fundamental. Se a minha não é uma presença neutra na história, devo assumir tão criticamente quanto possível sua politicidade. Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas para participar de práticas com ela coerentes".

PAULO FREIRE 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ARIAS, P. G. La cultura. Estrategias Conceptuales para comprender a identidad, la diversidad, la alteridad y la diferencia. Escuela de Antropología Aplicada. UPS-Quito: Ediciones Abya-yala, 2002. AUSUBEL, et alii. Psicología educativa: un punto de vista cognoscitivo. México, Trillas, 1988. BARATA, Carlos Almeida; BUENO, Antônio Henrique Cunha. Dicionário das Famílias Brasileiras. São Paulo: Ibero-América, 1999. 2v. BARRETO DA SILVA, Susie. A importância das raízes culturais para a identidade cultural do indivíduo. Disponível em: < <http://meuartigo.brasil.escola.com/artes/a-importancia-das-raizes-culturais-para-identidade-.htm>>. Acesso em: 17 jul. 2014. \_\_\_\_\_. A que nos referimos quando falamos de "raízes culturais" em geral? Disponível em: <

<http://www.artigonal.com/educacao-online-artigos/a-que-nos-referimos-quando-falamos-de-raizes-culturais-em-geral-2339139.html> >. Acesso em: 17 jul. 2014. CAPES. Formação. Brasília 2012. Disponível em : < <http://pacto.mec.gov.br/component/content/article/26-eixos-de-atuacao/54-formacao>>. Acesso em: 22 jul. 2014. CARLI, Johnny. Frases. Disponível em : < <http://kdfrases.com>>. Acesso em: 07 set. 2014. COELHO, T. Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário. São Paulo: Iluminuras, 1997. COLOMER, Teresa. Andar entre livros: a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007. FREIRE, Paulo. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000. GUILHERME, Denise. A importância da Leitura Literária na Escola. Disponível em : < <http://www.fvc.org.br/educadornota10/pdf/2013/artigo-lingua-portuguesa-fund1-2013.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2014. HISTORIA DOS AÇORES (pequenas referencias). Disponível em : < <http://nea.ufsc.br/> >. Acesso em: 10 mar. 2014. LAROUSSE CULTURAL, Grande Dicionário Larousse Cultura da Língua Portuguesa. São Paulo: Nova Cultural, 1999. MOREIRA, M. A.; MASINI, E. F. S. Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel. São Paulo: Ed. Moraes, 1982. PASSARÁN, Eliana. O papel do editor na promoção da leitura. Disponível em : < [www.revistaemilia.com](http://www.revistaemilia.com).<http://www.revistaemilia.com.br/mostra.php?id=346>>. Acesso em: 22 jun. 2014. SCHALLER, J. J. Construir um viver junto na democracia renovada. Educação e Pesquisa, São Paulo, 2002 v 28, n.2, p.145-162, jul/dez.